

ÉTICA E TECNOLOGIA: PRESSUPOSTOS NECESSÁRIOS NA EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

Adriana Lobo Barroso¹
José dos Santos Ferreira²
Onete Raulino da Costa³

RESUMO

A reflexão ética perpassa todos os aspectos da sociedade como a política, a economia, a ecologia, os meios de comunicação, as instituições escolares e religiosas. No entanto, existe atualmente um desrespeito geral em relação a tudo, por que na base não estão sendo trabalhados e construídos os valores humanos. Fala-se muito em crise de valores no meio social, mas não se fala em fortalecer a base educacional, introduzindo a ética no currículo escolar. Objetivamos a ética em contribuição para a formação dos alunos como seres humanos e, sobretudo no processo ensino aprendizagem, pois assumirá o foco equitativo, onde todos têm os mesmos direitos e, sobretudo se reconhecerá as habilidades e capacidades de cada um dentro de suas necessidades. Por outro lado, o aluno também irá perceber que, assim como ele, o outro também pode e deve aprender a respeitar seu potencial e seu conhecimento. O trabalho investigativo desta pesquisa, através de análise documental e discursiva, visa proporcionar uma troca de conhecimento e experiências em ter os educandos, um auxiliando o outro e todos construindo um saber diferenciado, elaborado na coletividade, no diálogo igualitário, no respeito à inteligência cultural, contribuindo com a transformação social, a partir de uma dimensão instrumental, na criação de sentidos, sem excluir a solidariedade e a igualdade de diferenças. Tudo isso se faz possível, quando se trabalha a ética e a tecnologia como aliadas no cotidiano escolar, atendendo assim as exigências da educação pós-moderna.

Palavras-chave: Ética, Tecnologia, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Caracterizando um conjunto de normas, regras a serem seguidas por qualquer profissional, de qualquer área, quando do exercício de suas funções, a ética deve, além de evidenciar um conjunto de princípios que norteiam seu trabalho, ser um ponto de partida na busca do sucesso dos alunos, aqui considerados cidadãos de direitos e deveres comuns. Todavia, a ética passou a ser inserida nas instituições de ensino, com a finalidade de ensinar ao homem sobre cidadania, democracia, direitos humanos e princípios. Impulsionando, assim, a uma reflexão sobre suas ações. Portanto, é notável que o seu ensino tenha sido repassado de maneira

¹ Doutoranda em Ciências de la Educación da Universidad Del Sol – UNADES, adrianajudson@hotmail.com;

² Mestrando em Ensino – POSENSINO (Em associação ampla entre Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN), santosdianz@hotmail.com;

³ Doutoranda em Ciências de la Educación da Universidad Del Sol – UNADES, onete_raulinoc@hotmail.com;

errônea ou superficial nas escolas e instituições de ensino, não dando a devida importância que tem esta temática para a vida do sujeito.

Ética vem do grego *ethos* e significa caráter, comportamento. A palavra ética é definida no dicionário Barsa (2001, p. 760) como “Parte da Filosofia que estuda os valores morais e os princípios ideais de conduta humana. É na ciência normativa que serve de base à filosofia prática”. Complementando o pensamento, a definição afirma ainda, ser um “Conjunto de princípios morais que se devem observar no exercício de uma profissão” (BARSA, 2001, p.760). Seguindo esse pressuposto, a pós-modernidade visa renovar e ampliar os aspectos da sociedade contemporânea, tais sejam: caracteres políticos, econômicos e educacionais. A educação precisa de uma profunda transformação na sua estrutura básica, no sentido de valorizar mais o educando enquanto pessoa humana.

A contribuição da ética para a formação dos alunos como seres humanos e, sobretudo no processo ensino aprendizagem, compreende o objetivo geral, enquanto os objetivos específicos, assumem o foco equitativo, onde por um lado, todos têm os mesmos direitos e, sobretudo se reconhecerá as habilidades e capacidades de cada um dentro de suas necessidades. Por outro lado, o aluno também irá perceber que, assim como ele, o outro também pode e deve aprender a respeitar seu potencial e seu conhecimento.

O trabalho investigativo desta pesquisa, busca através de análise documental e discursiva, catalogar informações que possam proporcionar uma troca de conhecimentos e experiências entre os educandos. Gil (2002, p. 45) aponta que “A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes”. Partindo desse pressuposto, conduz-se um estudo documental no qual as fontes são diversificadas e penderes de um tratamento analítico, bem como uma averiguação bibliográfica. Utilizamos fundamentalmente, aportes de diversos estudiosos sobre determinado assunto, onde um segue auxiliando o outro e todos construindo um saber diferenciado, elaborado na coletividade, no diálogo igualitário e no respeito à inteligência cultural.

Tudo isso se faz possível ao trabalhar a ética e a tecnologia como aliadas no cotidiano escolar, atendendo assim, as exigências da educação pós-moderna, contribuindo com a transformação social, a partir de uma dimensão instrumental, na criação de sentidos, sem excluir a solidariedade e a igualdade de diferenças. Nesse sentido, a ética e a tecnologia são apresentadas como ferramentas necessárias a essa mudança educacional e o contexto pós-moderno vivencia tendências cada vez mais utilizadas pelo educando, devendo unir esses novos mecanismos a favor da melhoria do aprendizado, revendo assim, nossa prática pedagógica.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Refletindo ponderadamente acerca de noções sobre ética e suas pretensões conceituais, sentimos ser necessário compreender sua base etimológica, visto que percebamos a própria designação conceitual, caracterizada como necessária para aprender o seu conceito. Ética vem do grego *ethos*, que para Vásquez (2003), quer dizer que significa analogamente o modo de ser do indivíduo ou o seu caráter, enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. No contexto filosófico, o estudo da ética é centrada na sociedade e no comportamento humano. Nessas condições, ética significa então, o caráter, a índole ou a natureza do ser humano. É também um tipo de postura que se refere a um modo de ser à natureza da ação humana, a maneira de como lidar diante das situações da vida e o modo de como estabelecemos relações com os outros. Por fim, é uma postura pessoal que pressupõe uma liberdade de escolha.

Definindo o que é bom e pautando normas que facilitam a compreensão do indivíduo a respeito do certo e do errado, ética é a ciência da moral que avalia as práticas das ações do que se deve fazer. “A Ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano” (VÁSQUEZ, 2003, p. 23). Partindo dessa ideia, a ética avalia esse tipo de comportamento, considerando os interesses coletivos das pessoas e zelando pelo bem comum e, nessas condições, não há espaço no campo da ética para o exclusivismo, uma vez que é necessário priorizar a todos, indo ao encontro das necessidades do grupo como um todo. Isso significa dizer que é impossível falar de ética e não haver incômodo, principalmente se essas atitudes se apresentarem como uma conotação negativa para a sociedade.

A ética no ambiente escolar

Freire (2006, p.16) nos diz que “Não é possível pensar os seres humanos longe sequer da ética. Estar longe ou pior, fora da ética entre nós mulheres e homens é transgressão”. Por toda a contextualização que envolve o discurso sobre ética, faz-se necessário sempre alguns questionamentos sobre ser justo o suficiente, o que poderia melhorar ou se o que estou fazendo é o certo. Para chegar a essa reflexão é necessário analisar as coisas criticamente, a fim de transformá-las para melhor, tendo em vista o bem da coletividade.

É na antiguidade que a preocupação com a ética e a moral tem início, sendo Aristóteles um dos mais importantes representantes da época. A ética para o filósofo grego estava ligada a uma vida boa, sem a ausência de medidas e de limites para alcançar a felicidade. Por esta

definição, percebe-se que a ética não é a própria moral, mas a moral é o objeto de estudo da ética em caráter científico. Desta forma, o estudo não tem a intenção de estabelecer regras fechadas de como se comportar, ou seja, estabelecer soluções para cada problema prático-moral e, assim, saber agir em situações problemáticas.

De acordo com a obra “Ética a Nicômaco” principal produção de Aristóteles (1991, p 29-30), “...de todas as coisas que nos vêm por natureza, primeiro adquirimos a potência e mais tarde exteriorizamos os atos”. O filósofo esclarece que a finalidade suprema que justifica a maneira do ser humano conduzir seus atos está relacionada a uma vida repleta de posturas e comportamentos virtuosos. Para ele, Isso é evidente no caso dos sentidos, pois não é por ver ou ouvir frequentemente que adquirimos a visão e a audição. Nós as possuíamos antes mesmo de usá-las e não entramos na posse delas pelo uso.

Ainda de acordo com pensamento do autor sobre ética, não basta que as ações virtuosas tenham certas qualidades para que sejam feitas com justiça e temperança; mas se faz preciso, ainda que quem as opere, opere conduzindo-se de certo modo: primeiramente, sabendo bem o que faz, depois com o propósito, ou antes, com o propósito de fazer o que faz; em terceiro lugar, que operando a sua vontade seja firme e não mude. Entende-se então, que a felicidade está ligada a uma sabedoria prática, a de saber fazer escolhas na vida.

Para Neme e Perez (2008, p. 10) “Ética não se constitui em um catálogo de valores particulares e alheios à prática dos grupos sociais, das sociedades e das áreas do saber”. Para as autoras, a ética leva o homem à sua finalidade principal: fazer o bem. Elas acreditam que a humanidade em crise, desvia-se de sua finalidade e a ética é sua bússola. Observemos também que, de acordo com Cortella (2010, p. 106), “a ética é o conjunto de princípios e valores da nossa conduta na vida junta”. Concordamos ser ela quem faz a fronteira entre o que a natureza manda e o que nós decidimos, é aquilo que orienta a sua capacidade de julgar, decidir e avaliar.

Para La Taille (2006, p. 01), do ponto de visto psicológico, “a questão da norma, como devo agir e a questão da felicidade, como quero viver, estão relacionadas”. O autor explica que a primeira questão se refere à moral e a segunda à ética. Desta forma, em cada campo de comportamento humano devem ser analisados os problema morais enfrentados, refletir cuidadosamente sobre eles, fazer juízo de valor, encontrar soluções, e a teorização destas reflexões se traduz no significado de ética, que depois como ciência, deve manter a investigação dos casos para poder se contextualizar e se reformular na diversidade de situações de problemas morais dos relacionamentos humanos.

Ainda nesse contexto, para ter o sentido ético é significativo mencionar a ética do gênero humano encontrada em Morin (2011, p. 93), quando ele diz que é preciso compreender que

“qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. No seio desta tríade complexa emerge a consciência”. De acordo com a reflexão do autor, a conduta ética acontece quando o indivíduo tem a consciência de ser humana, pertencente a uma espécie, e de estar reunido com outros pertencentes à mesma espécie, em uma complexidade de relações que formam a sociedade. Em um contexto mais amplo, a ética tem uma função mais aprofundada e filosófica. Preocupa-se essencialmente com o bem-estar do ser humano, com sua felicidade, pois esta é que dá sentido ao ser humano neste mundo impulsionando-o a prática do bem. Esta é única forma de ser feliz: praticar o bem e ajudar o outro a ser feliz.

A Tecnologia no Ambiente Escolar

Kenski (2001, p. 103) defende o uso criativo das tecnologias como auxiliares aos professores para “transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração por meio dos quais eles aprendem a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos”. Assim, revendo as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula, acreditamos ser necessário que o professor insira o uso das ferramentas tecnológicas como recursos inovadores, de modo que o aluno se sinta intimado a participar desse processo, uma vez que ele está familiarizado com essas tendências. Do ponto de vista educativo, a sala é o espaço onde ocorre a aula, isto é, a lição que cada dia o professor dá aos seus alunos. Inserida na escola, seu núcleo e elemento insubstituível, a sala de aula seria um espaço limitado e limitador, hermético, fechado em um cômodo que foi construído ou adaptado para tal fim.

Compreendida assim, dela estariam fora outros espaços de aprendizagem, como o mercado, por exemplo, mesmo reconhecendo que ali a criança visualize marcas, produtos, dinheiro, etc. Ou o espaço familiar, quando assimila valores e crenças e constrói atitudes. Ou até mesmo a própria escola, durante os intervalos, no pátio, nos corredores, etc. Nessa perspectiva, “o ato de aprender não se dá apenas nas chamadas salas de aula, mas em todo espaço de convivência onde haja estímulo e solicitação para que a criança assimile uma informação nova, um fato ou mesmo um conceito” (ROBSON, INFORSATO, 2011, p. 81).

A história da sala de aula passou por vários movimentos até chegar ao modelo que conhecemos hoje. Com a necessidade de implantação de novos métodos pedagógicos para se organizar o ensino por grupos escolares diferenciados entre si, às vezes por idade e outras por seus resultados de aprendizagem, a sala de aula foi se modificando. Passou a ter muitos

elementos: não apenas os docentes e os alunos, mas também mobiliário, instrumentos didáticos, as questões da arquitetura escolar, tudo faz parte da sala de aula. Os bancos escolares, as lousas e os cadernos têm uma história e uma especificidade pouco conhecidas até hoje. Além desse aspecto material, implica também uma estrutura de comunicação entre sujeitos. Está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem de tal como a conhecemos e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam despercebidas (DUSSEL, CARUSO, 2003, p. 36-37).

Na sala de aula habitam pessoas e indivíduos que agem a partir de convicções e valores que foram ou estão se formando ao longo de suas vidas. Uma aula, por exemplo, não se reduz apenas a objetivos instrucionais e à assimilação consciente de conteúdos por parte do aluno, mas se refere também a aspectos afetivos, socioculturais e comunicacionais que vinculam os personagens e sujeitos ali existentes. Ao aceitarmos a aula como um conjunto de meios e condições, não se pode deixar de levar em conta que tais condições incluem aquelas ligadas aos aspectos sócio afetivos dos alunos e professores para que a aula aconteça de forma a atingir seu propósito (ROBSON, INFORSATO, 2011, p. 81). É nessa perspectiva que podemos considerar a sala de aula um local de encontro. Embora seja um espaço historicamente institucionalizado, pode ser um lugar para transgredirmos e edificarmos maneiras renovadas de nos relacionarmos.

Para além dos conteúdos cognitivos e epistemológicos que aí circulam, é possível, e até mesmo necessário, que a comunidade escolar, sobretudo professores e alunos, crie e invente ocasiões para experimentar novos diálogos e novas relações. Cabe ao professor adequar-se a esse novo paradigma a fim de melhorar o processo ensino-aprendizagem. Conscientizando o educando da importância do respeito, da solidariedade e reciprocidade no ambiente escolar. São valores indispensáveis no dia a dia e isso pode ser cultivado também através de uma interação virtual. Precisamos entender que a internet mudou o modo de viver das pessoas, principalmente o de se comunicar. Não dá mais para ignorar essa realidade, a escola precisa caminhar de mãos dadas com a tecnologia, haja vista a necessidade de uma educação mais significativa, na qual o aluno sinta-se motivado a aprender.

Martins (2010) nos afirma sobre isso, que:

O educador é sem dúvida o elemento fundamental da comunidade educativa, pois desempenha a missão de formar a alma do educando. Em função disso, não pode limitar-se ao mero transmissor de conhecimento. [...] para cumprir bem sua missão, o educador deve ser um estudioso permanente e ter um bom caráter, isto é, seu comportamento em momento deve contradizer seus preceitos. (MARTINS, 2010, p.149).

Concordamos com o autor que o educador deve buscar incansavelmente aprimorar seus conhecimentos a respeito dos recursos tecnológicos, precisa repassá-los de forma clara e prazerosa para os educandos, a fim de que possam assimilar os conteúdos necessários para seu aprendizado. Nesse sentido, deve atuar com competência e dignidade cumprindo seu papel. Para o autor, devido ao processo de tecnologia e dos meios de comunicação presentes na sociedade estarem em constante transformação, exige-se do verdadeiro educador atualização constante. Essas atualizações devem ocorrer por meio de cursos, congressos, simpósios e muita leitura. Enfim, segundo ele, o educador deve ser um estudioso constante

ASPECTOS DISCURSIVOS

De acordo com Moran (2000) mudanças na educação também dependem dos alunos. Segundo ele, ao instigarmos a curiosidade e a motivação dos mesmos, facilitamos enormemente o processo de aprendizagem e como consequência dessa ação, ocorre o estímulo das melhores qualidades do professor. Nesse sentido, a escola precisa adequar-se a isso. A busca de conhecimentos inovadores proporciona um imbricamento nas relações professor-aluno gerando algo bastante profundo e direcionador das aprendizagens vivenciadas em sala de aula. Tendo em vista que são essas, condições indispensáveis para que o educador faça a interligação das inovações que estão presentes no contexto atual de nossos alunos, fazendo com que eles se apropriem cada vez mais desses recursos.

Pós-modernidade – Contexto histórico

A modernidade ou era moderna iniciou no século XVI e estendeu-se até 1957. Foi o período da história da humanidade marcada por grandes transformações, descobertas e pensamentos predominantes, como o racionalismo, o pluralismo e o mercantilismo, alguns ainda subsistem até hoje. Não há como datar com precisão quando teve início a pós-modernidade. Porém as duas grandes guerras mundiais são apresentadas por alguns estudiosos como os períodos de transição da modernidade para a pós-modernidade. O declínio da sociedade burguesa e das superpotências europeias bem como o fascismo, o nazismo, o militarismo japonês e o comunismo revolucionário foram fatores decisivos para o aparecimento desse novo paradigma: a pós-modernidade.

Por essa razão, Kung (1993, p. 30) afirma que “Os dois sistemas sociais antagônicos típicos, o comunismo (socialismo) e o capitalismo devem ser entendidos como sistemas

desesperançadamente comprometidos e superados.” Para o autor, estes conceitos se tornaram somente embalagens aleatórias e em cada lugar significam algo diferente. Esses movimentos mudaram a história do mundo. Os prejuízos e os males causados jamais poderão ser ressarcidos. Então intensificaram-se cada vez mais as desigualdades sociais, a violência, a opressão e a repressão. As reflexões desse sistema de coisas, por outro lado, pode ser sentido por todos: miséria, analfabetismo, terrorismo mundial.

Com base nisso, surge à necessidade de um modelo sócio-político mais humano que garanta a todas as espécies vivas do planeta ter uma vida mais digna. Isso quer dizer que é necessário substituir antigos valores, na realidade defeitos, como a ganância, o individualismo por novos valores que correspondam às possibilidades básicas das pessoas serem mais felizes e sem nenhuma restrição a raças, cor, religião, origem. Para que haja essas mudanças, o autor afirma ser necessário quatro passagens: de uma ciência sem ética para uma eticamente responsável; de uma teocracia que domina as pessoas para uma tecnologia que serve a humanidade das pessoas; de uma indústria, que destrói o meio ambiente para uma que promova os verdadeiros interesses e necessidades das pessoas em harmonia com a natureza; e de uma democracia, formalmente de direito para uma vivida, na qual liberdade e justiça estejam reconciliados (KUNG, 1993). Tudo isso é fundamental para um mundo melhor, no qual o humano seja valorizado, o meio ambiente preservado, enfim a sobrevivência seja garantida.

Para Vasconcelos (2000) a existência de diferentes níveis de complexidade com diferentes tipos de leis operando em cada nível forma uma concepção organizada de complexidade. Para a autora, a dimensão sistêmica não se autonomiza e se rege por lógica própria mas também tende a se impor a todas as dimensões da convivência social, tornando-se a dimensão decisiva da organização da vida social como um todo.

Vasconcelos (2000), apud Gomes, et. al. (2014, p. 13), afirma que “A principal característica da organização dos organismos vivos é a natureza hierárquica, ou seja, a tendência para formar estruturas multiniveladas de sistemas dentro de sistemas”. Segundo a autora, cada um dos sistemas forma um todo com relação as suas partes e estas, também são partes de um todo. Esse período da história deixou profundas marcas na humanidade; angústia, desencanto, dúvida e medo. As pessoas foram reduzidas a simples mercadoria. Assim, é preciso de imediato, uma reavaliação dos fatos negativos que marcaram a modernidade para diagnosticá-los, a fim de não voltarem a repetir-se. É urgente a estruturação de uma política voltada para os problemas sociais do mundo. Uma economia que ofereça recursos e mecanismos que possibilitem a realização dessa complexa tarefa. É necessário valorizar a vida humana. Comprometendo-se

com o bem-estar do povo, possibilitando que os tais sejam agentes dessas mudanças, emancipando-se a uma dimensão transformadora.

Os pós-modernos buscam valores que promovam a dignidade humana e a paz entre os povos. “Trata-se antes de buscar um caminho de saída das dificuldades da modernidade para o futuro, um caminho pós-moderno” (KUNG, 1993, p. 41). É interessante que haja uma reinterpretação dos valores éticos para atenderem às expectativas da humanidade e as exigências da pós-modernidade.

Pós-modernidade – Contexto educacional

O direito à educação surgiu no contexto revolucionário burguês na França do século XVIII, mais precisamente com o desenvolvimento científico tecnológico eventualizado com a Primeira Revolução Industrial. A história universal dar conta de que em remotas eras, sociedades humanas existiam sem escolas. A escola sem professor, sem sala de aula, sem diretor, sem diário de classe, sem quadro negro, etc. Transmitia o saber oralmente, para atender às necessidades do dia a dia da comunidade: o plantar, o colher, o consumir e tantos outros. Os mais velhos eram treinados para produzir o que necessitavam para sua subsistência. A hora do lazer era o momento de ouvir as histórias dos mais velhos, da participação dos rituais ou cultos religiosos e da veneração aos seus antepassados.

Para Freire (1987),

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita com o nível puramente intelectual, mas na ação, o que nos parece fundamental é que esta não cinja a mero atavismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1987, p. 29).

A prática educativa era pertinente à aquisição e instrumentos da aceitação de valores comportamentais inclusive, com o próprio meio ambiente – contexto de permanente e contínua formação cultural. Os professores eram os mais velhos, respeitáveis em ensinar aos jovens e crianças. O que tornava indissolúveis o saber, a vida e o trabalho era o fato de se aprender fundamentando-se na própria experiência existencial estruturada na atividade do cotidiano. Da Idade Média em diante, a educação passou a ser produto direto da escola e, um grupo de pessoas, na sua maioria religiosos, especializou-se na transmissão do saber. Teve início a atividade docente, a estrutura do magistério.

A atividade do ensino passou a ser desenvolvida em espaços próprios cuidadosamente isolados do mundo dos adultos e distanciados do mundo pertinente à vida diária. Em síntese, durante séculos, este tipo de Centro do Saber permaneceu reservado aos filhos da aristocracia. Posteriormente, passou a sistematizar, a servir e atender a burguesia que, à medida que ascendia ao poder, exigia os mesmos privilégios dos aristocratas. Com esse advento, os camponeses, os lavradores, os pequenos comerciantes perderam o acesso àquela modalidade de ensino. Dá-se então a separação e o desequilíbrio do conhecimento, a elitização dele; a escola passou a ser um privilégio de poucos, de alguns, e o povo ficou de fora dele, atrelado, como antes, a educação do cotidiano, isto é, aos saberes das necessidades diárias.

As classes são excluídas do acesso ao saber científico estruturado. Assim, a classe operária industrial, não detentora de recursos financeiros e econômicos, luta pelo direito de ingressarem seus filhos nas escolas das elites dominantes e todos frequentarem as escolas nas mesmas condições de igualdade e oportunidades que os filhos das classes hegemônicas. A cobrança por educação populariza-se, explode em todo mundo, os movimentos operários agigantam-se. Compreendiam eles que o direito a educação só viria viabilizado mediante a garantia de um ensino público gratuito e obrigatório por parte do Estado.

A classe operária esperava ser a escola uma instituição essencial, uma espécie de serviço público de qualidade e aberto a todos, uma entidade realmente de emancipação das categorias menos favorecidas da sociedade. O que se pode perceber é que a escola durante todos esses anos reproduziu o sistema vigente, fortalecendo-o mais ainda. Enquanto que deveria ter se preocupado em formar cidadãos conscientes e livres, que pudessem atuar de maneira positiva no mundo em que vivem. A Pós-modernidade busca essas mudanças educacionais, no sentido de criar-se uma nova proposta pedagógica, que promova a dignidade humana e seus valores básicos. O uso da ética e da tecnologia fazem parte dessas mudanças, uma vez que a ética do desenvolvimento tecnológico se fundamenta numa existência mais longa e mais prazerosa. O prazer, no entanto, jamais é atingido numa atitude passiva.

A tecnologia imposta num sistema de acumulação de riqueza, perde seu significado ético, porque, de modo contraditório, gera um sofrimento infrene. Não há como comungar com um modelo de educação que nega o direito do aluno de se desenvolver como cidadão livre e consciente de seu papel, tendo em vista um melhor desempenho em suas realizações enquanto estudante, buscando uma vida social mais justa pra si e os outros, construindo seu próprio conhecimento através de uma relação de reciprocidade, ensinando ao aprender e o professor aprendendo ao ensinar. Arroyo (2000, p. 15) cita que “O jovem tem direito ao conhecimento, a conhecer-se como sujeito humano corpóreo, tem direito a ter ‘um papel’ na sociedade”. Essa é

a ideia pós-moderna, possibilitar ao educando o direito de ser sujeito de seu próprio conhecimento, de um ser que constrói ao invés de reproduzir aquilo que outros fizeram.

Moran (2000, p. 48) relata que “Pode-se dizer que não é a tecnologia em si que causa a aprendizagem, mas a maneira como o professor e os alunos interagem com ela”. Dessa forma faz-se necessário uma reviravolta nos conceitos educacionais a fim de que possamos urgentemente atender as necessidades pedagógicas do educando. Para isso teremos que usar novas estratégias, algo que desperte o interesse do discente e as mídias são um exemplo disso. O objetivo é esse, usar os recursos tecnológicos como meios facilitadores para o processo ensino e aprendizagem. Buscando de forma positiva a integração dessas inovações a nossa prática cotidiana. Criando novas possibilidades de pensar, raciocinar, e construir o conhecimento numa relação harmônica enriquecendo o processo ensino e aprendizagem de tal forma que o ambiente escolar seja o espaço mais desejado por todos da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a ética não nasce com o indivíduo, ela é repassada e assim, transmite como tal preceito, incorporando-o a este indivíduo. Podemos encontrar o tema ética, nas relações entre os agentes que constituem a instituição de ensino, sejam eles alunos, professores, gestores, pais ou funcionários. Uma vez que o conhecimento não é neutro nem impermeável a todos os tipos de valores, podemos incorporar a temática ao currículo escolar, pois na escola as pessoas não aprendem apenas a executar tarefas e dominar o mundo, mas aprendem a perceber caminhos para que elas possam dominar a si mesmas e a seus pensamentos e paixões.

Os avanços tecnológicos e científicos, os acontecimentos inusitados, a convivência num mesmo tempo de manifestações culturais dos mais diversos gêneros e naturezas, sintetizados ou mundializados por espaços onde a informação corre frenética, fazem sobrepor ao pensar imediatista e casual a necessidade de o homem refletir sobre a sua essencialidade, sobre as razões universais que aproximam um homem de todos os homens.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Poética / Aristóteles. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores, v. 2).

ARROYO, M. Esperança de Uma Nova Escola. **Mundo Jovem**, fev., 2000.

BARSA PLANETA INTERNACIONAL LTDA. **Dicionário Brasileiro da Língua**

Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra?:** inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 9ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

DUSSEL, I; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula:** uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 34ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, L. B. BOLZE, S. D.; BUENO, R. K.; CREPALDI, M. A. As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo. **Pensando Famílias**, 18(2), dez. 2014, (3-16).

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias o novo ritmo da informação.** 8ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2011.

KUNG, H. **Projeto de Ética Mundial.** São Paulo: Paulinas, 1993.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética:** Dimensões Intelectuais e Afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARTINS, J. P. **Gestão educacional:** Uma abordagem crítica do processo administrativo em educação. 4ª edição. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 6ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. Brasília, DF; UNESCO. 2ª. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2011.

NEME, C. M. B.; PEREZ, M. C. A. Ética profissional: repensando conceitos e práticas. In: CAPELLINI, V. L. M. F. (org.). **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental.** Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. Universidade Estadual Paulista, Prograd. **Cultura Acadêmica**, Caderno de Formação: formação de professores didática geral, São Paulo, v. 9, p. 80-85, 2011.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico:** O novo paradigma da ciência. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2010.

VÁSQUEZ, A. S. **Ética.** Tradução: João Dell'Anna. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.